

ANÁLISE DOS ARQUÉTIPOS NO FIGURINO DO FILME “A PELE QUE HABITO” DO DIRETOR PEDRO ALMODÓVAR

Analysis of the archetypes in costume design of the movie “The skin I live in” by Pedro Almodóvar

Sayão, Isabella; Graduada; Centro Universitário Belas Artes de São Paulo,
isabellasayaocoelho@gmail.com.

Souza, Josenilde S; Doutoranda da PUC-SP do PEPG em Comunicação e Semiótica, pesquisadora do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS), professora e coordenadora da Pós-graduação de Moda e Teatro da Belas Artes e da Pós de Direção Criativa do Senac; jooamanda@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta os figurinos dos personagens do filme “A Pele que Habito” (2011), do diretor Pedro Almodóvar e sua conexão com o conceito de arquétipos junguianos. A escolha do uso dos filmes de Almodóvar foi devido à caracterização de seus personagens, estes que são considerados atemporais, o que auxiliará na identificação dos arquétipos e outros signos.

Palavras-chave: Almodóvar; arquétipos; figurino; cinema; moda

Abstract: The purpose of this article is to connect the clothing within the film “The skin I Live In” (2011), by the director Pedro Almodóvar with an elaboration of archetypal patterns. The choice of using Almodóvar’s films comes from the timeless characterisation of its characters, which will assist on the identification of archetypes and other signs.

Keywords: Almodóvar; archetypes; clothing; cinema; fashion

Introdução


O estudo a seguir tem como o seu principal objetivo apresentar as conexões dos figurinos contidos no filme “A Pele que Habito” do cineasta, ator e argumentista Pedro Almodóvar, com os arquétipos junguianos — porém não se limitando apenas a essa teoria desenvolvida na psicologia analítica fundada pelo Carl Jung no início do século XX. Além disso, tentarei exibir ligações na psique das escolhas que são representadas através de símbolos nas imagens. A base de investigação dessa pesquisa, é estabelecer uma formação de figurino para o cinema de uma maneira mais particular do indivíduo que representa o personagem, fazendo com que a elaboração de qualquer vestuário no ecrã seja determinada por bases em fundamentos analíticos. A escolha de utilização das teorias de Jung como forma de análise é devida não só pela sua relação com a psicologia da comunicação de modo geral, (empregando significados de cores e símbolos) mas também à caracterização dos personagens reproduzidos pelo Almodóvar que são caracterizados com personalidades e histórias atemporais. A identificação dos arquétipos e outros signos que serão postos no desenrolar deste artigo será para uma melhor compreensão da subjetividade das personas expostas no filme.

O prelúdio de toda essa iniciação é recebido com a indagação das razões, o que faz de fato faz com que certas escolhas sejam definidas em particular para cada personagem de uma obra audiovisual, o estudo pondera a essência de três personagens principais, focando apenas nesse contexto apresentado.

Pedro Almodóvar e o seu cinema

Pedro Almodóvar, um diretor espanhol com uma personalidade única, utiliza uma caracterização marcante em seus filmes e personagens, produzindo um legado icônico. A escolha particular da individualidade de cada persona apresentada, faz com que a escolha de seu trabalho seja viável para uma interpretação neste estudo.

O início de carreira de Almodóvar no cinema começou nos anos 70, mediante ao manifesto do movimento contracultural, chamado La Movida Madrileña, o cineasta logo se destacou com sua câmera Super-8 e seus filmes experimentais. Atualmente, Almodóvar é aclamado pelos seus



inúmeros sucessos, dentre eles “A Pele que Habito”, que serviu de grande inspiração para esta iniciação, o filme quando divulgado na época levantou enormes expectativas e curiosidades, visto que se retrata de um enredo de horror e suspense, a obra cinematográfica foi baseada em um antigo conto chamado “Tarântula”, escrito por Thierry Jonquet (1984), e também com a presença de referências visuais “Les Yeux Sans Visage” de Georges Franju (1960).

A trama deste filme, aborda a história do prestigiado cirurgião plástico Dr. Robert Ledgard, interpretado por Antonio Banderas, que reside em sua casa luxuosa juntamente com sua filha Norma — que adquiriu problemas psicológicos causados pelo trauma da perda de sua mãe, Gal, vítima de suicídio pouco tempo depois de um ocorrido acidente de carro em que teve parte de sua pele incinerada pelo vapor do fogo. A vida da menina constituía em estar presente somente em seu ambiente doméstico. No segundo ato da obra, Robert acredita que Norma estava finalmente preparada para viver em sociedade, levando-a para uma festa de casamento. Nesta exata parte, o longa-metragem começa a se desenvolver por um rumo mais intenso, quando sua filha sofreu um suposto estupro do jovem Vicente, rapaz de sua idade presente no evento, sendo encontrada pelo médico, que tragicamente também perdeu Norma para o suicídio dias depois.

Figura 1: Cartaz original do filme “A Pele que Habito” (2011), de Pedro Almodóvar. No enunciado abaixo segue o cartaz de exibição, a imagem dos dois personagens principais; no primeiro plano a imagem da personagem Vera e em segundo plano o personagem Dr. Robert Ledgard. O título do texto está em seu



idioma original espanhol.

“A Pele que Habito” (2011)

Disponível em: <<https://www.amazon.com/Piel-que-habito-Antonio-Banderas/dp/B005OSP5ROx>>

A partir desses eventos dolorosos, o cirurgião em sua concepção de justiça sequestra o Vicente de modo a realizar seus experimentos científicos através de uma série de cirurgias com o objetivo de alcançar a criação de uma pele sintética, imune a qualquer tipo de dano. Em um curto período de tempo, Vicente foi transformado pelas mãos do doutor em Vera. As principais cirurgias realizadas foram a vaginoplastia e um transplante de rosto — sendo formulado com os traços faciais idênticos ao da finada Gal. Nesse contexto, Ledgard, fez com que o roteiro se encaminhasse a uma apresentação do seu pior e mais profundo lado, denominado em termos junguianos como “sombra”.

No pensamento justo da teoria do Dr. Robert I Simon, dito em seu livro “Homens Maus Fazem o Que Homens Bons Sonham”, todos os indivíduos que praticam alguma maldade definida por sua ética é porque passou por algum trauma que despertasse essa crueldade interior. Acompanhando a linha tênue entre traumas e razões do personagem analisado, conseguimos alcançar a interpretação da compreensão das suas ações.

Após adquirir essas constatações presentes nesta obra cinematográfica, é possível entender a individualidade das atitudes e suas causas presentes em personas, de modo a refletir conglomeradas expressões em formas visuais e estéticas discorrido no filme.

Figura 2: Cena retirada do filme “A Pele que Habito” (2011), do diretor Almodóvar, Dr. Robert Ledgard tirando as medidas de Vera, para realizar suas experiências. A imagem está sendo gravada em plano americano.



Fonte: “A Pele que Habito” (2011)

Os personagens e suas conexões

Compreendendo as intervenções que são ocorridas, realizamos uma conexão entre as relações dos nossos três principais personagens: Dr. Robert Ledgard, Vera e Marília. A “sombra” do Robert foi concebida sob impactos importantes em sua vida, desde sua infância com o significativo abandono de sua mãe, seguido do decesso de sua esposa e filha, perante a isso, é possível entender como o seu ‘inconsciente pessoal’, justifica as suas ações. Já no que se refere a personagem Marília, interpretada por Marisa Paredes, e governanta da casa do Robert, exibe sua estranha intimidade e afeto por ele, e esse comportamento cria sentido quando descobrimos seu maior segredo, Marília é a sua mãe biológica. Deste ponto de partida reconhecemos que suas condutas serão condizentes ao amor materno que a carrega durante o filme.

Como resultado das experiências cirúrgicas e emocionais do Robert, se é concebido a personagem central, Vera, drasticamente enclausurada por 6 anos em um quarto sob vigilância do Robert, que a observava através de câmeras. A cada tentativa falha de suicídio, a persona Vera se mostra passível aquela situação de prisão, não apenas físico, mas corporal. O componente masculino do Vicente, conceituado como *Animus* em termos junguianos, ao contrário do que o Robert pensava, nunca deixou de existir após as mudanças corporais.



Fonte: “A Pele que Habito” (2011)

Figura 4: Foto da personagem Vera do filme “A Pele que Habito” (2011), do diretor Almodóvar em meio a uma de suas epifanias.

As menções visuais feitas pelo Diretor Almodóvar em seu filme, traz uma correlação com a artista Louise Bourgeois que retratada o feminino, com a personagem estudada, sua obra *Femme Maison* (1994), definida a nomenclatura para o conceito de mulheres em sua perspectiva de como enxerga a sociedade, há sutis aparições no longa-metragem, mostrando-nos incríveis significados.

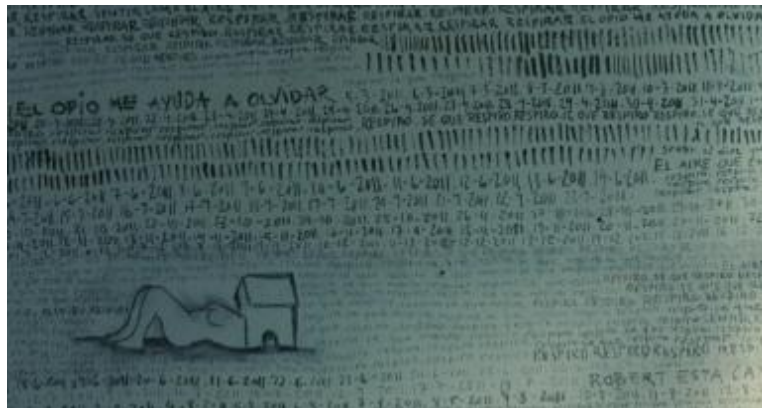
Despida e com a cabeça presa em um objeto que realiza o formato de uma casa, retratada na figura 5, converte-se ao retrato artístico para a solidão social feminina no espaço doméstico. Louise Bourgeois criou a definição de *Femme Maison*, algo que conseguimos observar em Vera.

Figura 5: Obra de Louise Bourgeois, *Femme Maison*.



Fonte: *Femme Maison* de Louise Bourgeois, 1994

Figura 6: Cena retirada do filme “A Pele que Habito” (2011), do diretor Almodóvar que faz uma referência a obra de Louise Bourgeois



Fonte: “A Pele que Habito” (2011)

Representação dos arquétipos

O conceito de arquétipo definido pelo Jung, usa de sua teoria em psique humana, em que as razões psicológicas fundamentais de nossas ações são acompanhadas de arquétipos que existem em nosso inconsciente coletivo, assim como temos conhecimento de que todas as pessoas possuem a capacidade de assumirem os doze arquétipos, o que irá delimitar as seguintes posições estão estabelecidas pelos antecedentes de nossas emoções profundas, experiências e como evoluímos.

Rotulando os personagens analisados na teoria de arquétipos de Jung, começaremos com o Dr. Robert Ledgard, o médico e, ao mesmo tempo o monstro, a perspectiva inicial que obtivemos neste estudo, é que o bem e o mal reside dentro desta persona, o mito do médico louco, assim como era Victor Frankenstein, personagem do romance Frankenstein, escrito por Mary Shelley (1818). Apesar de suas loucuras e de seus atos insanos, ele era um pai protetor e um marido dedicado e cuidadoso. Quando pensamos em arquétipos de certa forma procuramos a classificação dessas personas, julgamos muitas vezes junto ao Ego, Alma e Eu.

O impulso do Ego, Alma e Eu, concentram-se de uma mesma motivação do indivíduo, a partir de suas condições psicológicas e vivências, fazendo com que um seja interligado ao outro. Com isso exposto, conseguimos definir a persona Dr. Robert Ledgard e seu Ego de “O Herói” — definições constituídas por características comportamentais como o desejo de obter justiça e o medo de se mostrar vulnerável diante dos outros. Ele tem como sua maior fraqueza o orgulho e como seu objetivo mudar o mundo, porém, tudo isso conforme o seu entendimento e sua concepção de ética; a Alma decorrente a esta investigação do personagem é “O Criador”. Robert possui como sua maior criação e idealização a Vera, nessa experiência sua maior dificuldade é lidar com seu perfeccionismo, nisso chegamos no EU com a apuração do “O mágico”, o que faz com que o Ledgard, seja um grande manipulador e o grande vilão da obra, esse arquétipo tem como seus principais atributos o modo deslumbrado de atingir seus objetivos.

Quando associamos essas condições, conseguimos entender como está determinada persona se apresenta ao mundo, ainda que muitas particularidades do Dr. Robert Ledgard mostra conjunturas negativas do personagem, entendemos que por suas idealizações, suas peculiaridades

não sejam aparentes visualmente, além dos fatores de sua profissão, classe social e reconhecimento na comunidade.

Figura 7: Cena retirada do filme “A Pele que Habito” (2011), do diretor Almodóvar, Dr. Robert Ledgard no momento em que ele aponta o revólver para Zeca.



Fonte: Filme “A Pele que Habito”, Pedro Almodóvar, 2011.

Figura 8: Cena retirada do filme “A Pele que Habito” (2011), do diretor Almodóvar. Dr. Robert Ledgard admira sua criação, a personagem Vera, através de uma televisão do seu escritório.



Fonte: Filme “A Pele que Habito”, Pedro Almodóvar, 2011.

A seguinte persona a ser analisada é a Marilia, mãe e governanta da casa de Dr. Robert Ledgard, a própria persona de Marilia diz em um determinado momento do filme que “carrega a loucura em seu ventre”. O Ego desta persona é definido por “O Cara Comum, o Orfão”, seu maior desafio na história é querer ser aceita e amada pelo seu filho, o que explica suas cumplicidades nos atos injustificáveis do Dr. Ledgard, seu maior medo é não fazer parte da comunidade e ambiente que está inserida, apesar de parecer cegamente a favor dos atos de seu filho, Marilia é uma persona que há compaixão; o EU “O Governante” não se basta somente pela função da personagem, mas também pelo seu sonho de querer viver em um lar que tenha tranquilidade e equilíbrio, sua autoridade como governanta é tão firme, que muitas das vezes se passa como dona da casa. Marilia se mostra presente na sociedade tipicamente como uma dedicada governanta, sua personificação como mãe é visivelmente vista por todos.

Figura 9: Cena retirada do filme “A Pele que Habito” (2011), do diretor Almodóvar, a governanta Marilia sai da cozinha.




Fonte: Filme “A Pele que Habito”, Pedro Almodóvar, 2011.

Em sequência a pesquisa da análise dos personagens, Vera é a persona que é a lide de toda a indagação do enredo do filme, o início das questões surgem quando a misteriosa Vera é inserida no contexto da história. Muito antes de ser Vera, Vicente era como a persona se representava para si e para sociedade, importante lembrarmos que a decisão de se tornar uma mulher, não foi um desejo do rapaz, Vicente ainda vive, mesmo que de forma discreta, no inconsciente de Vera como dito anteriormente. Vera apesar de ser uma cobaia e vítima de toda experiência do Dr. Robert Ledgard, ela é uma persona manipuladora em potencial, foi com sua persuasão que conseguiu sair de seu cativeiro. Podemos apontar a persona como arquétipo ALMA “O Amante”, observado que sua tática é se tornar atraente e conseguir seduzir o médico, para que consiga fugir, mas ao mesmo tempo teme por perder a sua real identidade, complexos que são atribuídos a esse arquétipo. No que tange a transição sexual da personagem e a sua adaptação mental através do trauma de seu sequestro, a mente o protege (Vicente) e se adapta a situação. Quando retratamos de Anima e Animus no caso desta persona, a consciência se torna mutável, a situação quando tratamos da predominância desses condutores de consciência à relação do que se passa no mundo externo domina sua própria consciência, como diz Emma Jung:

(...) às vezes somos tomados por estados e emoções que despertam em nós impulsos, sentimentos, pensamentos e imagens que nos parecem totalmente estranhos. Frequentemente tais emoções são diametralmente opostas aos nossos pontos de vista ou intenções, de tal forma que dão a impressão de se tratar de manifestações de um ser com existência própria, diferentes de nós (E. JUNG, 2006, p.13).

Como analisamos os personagens de forma visual, e de como eles se mostram presentes diante da sociedade, no longa-metragem, a metamorfose com qual a persona Vera está passando, além de ser psicológica também é física, seu body traz uma insinuação a nudez, nos demonstrando a semiótica do nascimento. Vera é a criação do Dr. Robert Ledgard, o figurino tem como intenção mostrar justamente a sensibilidade ao toque que Vicente está passando por essa transição de troca de pele, e como a personagem é representada de forma particular como uma importante



experiência para o médico, poucas características íntimas foram adicionadas em seu figurino, tornando-a como algo impessoal.

O corpo e o vestuário

McLuhan diz, “A roupa, uma extensão da pele...” O figurino do filme “A Pele que Habito” (2011), do diretor Pedro Almodóvar, tem como seu figurinista principal o Paco Delgado, e os figurinos de Vera, confeccionados por Jean Paul Gaultier. Nesta última colaboração de Gaultier com o diretor, ele foi responsável pela montagem dos bodys que são apresentados no filme, um preto e o outro nude; com a modelagem bem justa ao corpo da atriz, esses vestuários contêm pequenas diferenças além de sua cor. Costuras sutis contornam ombros, seios e cintura, constando a expectativa de uma pele futura que irá fazer parte da personagem.

No caso da análise do vestuário no cinema, existem diversas visões de como a interpretação pode ser realizada, Catarina Cucinotta, da Universidade da Beira Interior, retrata em seus estudos diversas metodologias de como a interpretação do figurino pode ser usado nesta espécie de estudo, uma dessas divisões é o nível extracinetográfico, em que diz em seu livro “Viagem ao cinema através do seu Vestuário” o seguinte:

“O nível extracinetográfico, que representa talvez o oposto, porque o vestuário cinematográfico também transmite ao espectador uma reelaboração da realidade através de estereótipos e identidades visuais que ele própria cria.”


(CUCINOTTA, CATARINA: 2018)

Considerações finais

Desta forma, podemos afirmar que os estudos de Jung na área arquétipos pode ser valioso para a compreensão e mapeamento do figurino no cinema a partir dos personagens. A reflexão que obtivemos teve seu principal propósito estabelecer a formação do figurino para o cinema de uma maneira mais consistente para cada persona, fazendo com que a elaboração de qualquer

vestuário seja determinada por bases em fundamentos analíticos, a utilização das teorias de Jung e sua relação com a psicologia da comunicação. A escolha do filme “A Pele Que Habito” (2011), do diretor Pedro Almodóvar foi devido à caracterização de seus personagens nos serviu por suas personalidades e histórias atemporais, o que auxiliou na identificação dos arquétipos.

Esta iniciação é realizada com a indagação a partir das relações dos arquétipos com o vestuário, o que de fato faz com que certas escolhas sejam definidas em particular para cada personagem de uma obra audiovisual, o estudo observou a vinculação das três personas apresentadas e no que isso diz a respeito a suas individualizações presente no figurino. Assim, no filme “A Pele Que Habito” (2011), nosso objeto de estudo, a reflexão que obtivemos teve seu principal propósito estabelecer a formação do figurino para o cinema de uma maneira mais consistente para cada persona, fazendo com que a elaboração de qualquer vestuário seja determinada por bases em fundamentos analíticos, a utilização das teorias de Jung e sua relação com a psicologia da comunicação. A escolha do filme “A Pele Que Habito” (2011), do diretor Pedro Almodóvar foi devido à caracterização de seus personagens nos serviu por suas personalidades e histórias atemporais, o que auxiliou na identificação dos arquétipos.



Referências

ALMODÓVAR, Pedro. **A pele que habito**, 2011.

ALMODÓVAR, Pedro. **A história de Pedro Almodóvar**. [S.L.]. Disponível em:
<<http://www.eurochannel.com/pt/A-historia-de-Pedro-Almodovar.html>> Acesso em:
22, abril, 2021.

BORGEOIS, Louise. [S.L.]. Disponível em: <<https://www.modefica.com.br/mulheres-nas-artes-a-historia-de-louise-borgeois-a-mulher-aranha-e-sua-relacao-implicita-com-o-feminismo/#.Ylhj37VKhP>> Acesso em: 22, abril, 2021.

CUCIONOTTA, Catarina. **Viagem ao cinema através do seu vestuário**. [S.L.]. Editora LabCom
Communication & Arts. Disponível em:
<http://labcom.ubi.pt/ficheiros/201804201133-201801_viagemcinema_ccucinotta.pdf> Acesso em:
22, abril, 2021.

FRANJU, Georges. **Les Yeux sans visage**, 1960.

HELLER, Eva e Maria Lucia Lopes da Silva. **A Psicologia das cores: como as cores afetam
emoção e a razão**. [S.L.]. Editora Olhares, 2021.

JUNG, Carl. **O Homem e seus Símbolos**. [S.L.]. Editora HarperCollins, 2016.

JUNG, Carl. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. [S.L.]. Editora Vozes, 2018.

JUNG, Carl. **Psicologia do Inconsciente**. [S.L.]. Editora Vozes, 2011.

JUNG, Carl. **Os 12 arquétipos**. [S.L.]. Disponível em:
<<https://www.psicologiasdobrasil.com.br/carl-gustav-jung-os-doze-arquetipos-comuns/>>. Acesso em: 22, abril, 2021.

MARSHALL MC LUHAN. **O meio é a mensagem**. [S.L.]. Editora Ubu, 2018.

MAZZARO, Daniel. **A epiderme do gênero e suas transgressões no filme “A pele
que habito”**. [S.L.]. Disponível em:

<<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/6>> Acesso em: 22, abril,
2021.

SIMON, Robert. **Homens Maus Fazem o que Homens Bons Sonham: Um
Psiquiatra Forense Ilumina o Lado Obscuro do Comportamento Humano**. [S.L.]. Editora
Artemed, 2009.